

***Belle Époque* tropical em *Recordações do escrívão Isaías Caminha*: contradições sociais que aparecem como forma**

Belle Époque tropical in Recordações do escrívão Isaías Caminha: social contradictions that appear as formal aesthetic element

Aleizy Aparecida Barati Domingues¹
Bárbara Del Rio Araújo²

Resumo: A premissa dessa pesquisa é que a obra *Recordações do escrívão Isaías Caminha* se vale da subjetividade memorialística dos personagens para expor, em tom satírico, como o progresso brasileiro não é sinônimo de desenvolvimento. Deste modo, a contradição social acaba por ser representada com recursos estéticos também contraditórios, como, por exemplo, a linguagem beletrista contrastada com o objeto popular; a sátira a congregar os estilos baixos e sublime e, por fim, a memória objetiva dos personagens que se coloca para além das recordações íntimas. A narrativa consegue representar a entrada do país no mundo republicano, manifestando a euforia do progresso, que contrasta com a permanência de um projeto elitista, moralista e conservador. A *Belle Époque tropical* é um momento de importantes transformações no âmbito urbano-social, econômico e estético, caracterizado pela ânsia de renovação. Entretanto, o que se pode notar é que o agente dessa ação permanece retrógrado, fato que compromete a emancipação brasileira.

Palavras-chave: Belle Époque; Contradição formal; Lima Barreto.

Abstract: The premise is that *Recordações do escrívão Isaías Caminha* uses the character's memorialistic subjective to show, in satiric tone, how the Brazilian progress is not a development synonym. On this way, the social contradiction is represented as aesthetic resource, as belletrist language chocked with popular object; the satire which congregate the common and sublime stylus, at least, the subjective memory that demonstrate forward the intimate recordation. The narrative can expose the country entrance on the republican world, showing the progress euphoria that oppose with the perdurance of an elitist, moralist and conservator project. *Belle Époque tropical* is an important transformation moment characterized by renovation will. However, what we can notice is the medium of this action remain retrograde, aspect that compromise the Brazilian emancipation.

Keywords: Belle Époque; Esthetic formal contradiction; Lima Barreto.

Introdução: a representação da *Belle Époque* nas recordações íntimas de Isaías

As análises estéticas desenvolvidas pelo crítico Antônio Candido³ revelam, através da forma dos textos literários, visões sobre o Brasil que podem ser polarizadas entre a imagem de um país anunciante de um futuro inovador e a imagem de um país que permanece preso no subdesenvolvimento social. De modo geral, sobretudo em "Literatura e Subdesenvolvimento", Candido explica como a literatura nacional, especialmente no modernismo, passou a exaltar os aspectos naturais da pátria, em uma tentativa de compensar

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Bolsista de iniciação científica na FAPEMIG. E-mail: aleizybarati@gmail.com

² Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Orientadora de projetos de iniciação científica e pesquisas voluntárias sobre literatura e sociedade. Professora efetiva no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). E-mail: barbaradelrio@cefetmg.br.

o atraso no âmbito civil, criando uma literatura que “se nutria das promessas divinas de esperança” (CANDIDO, 1986, p.171). Expondo as condições predispostas, nas quais nossa literatura foi formada, o autor também revela como o analfabetismo aparece ligado diretamente à debilidade cultural, trazendo à tona pensamentos sobre o escritor brasileiro estar fadado a ser um escritor das minorias, que, sobretudo diante do contexto de modernização, sofre o risco de se tornar parte de uma cultura massificada e marcada pela dependência.

Não obstante todo esse processo de ocultação, isto é, um apagamento das classes baixas, a literatura nacional acaba denunciando as contradições do empréstimo cultural e, num processo mimético, cuja representação se dá através do diálogo com a forma social e com a deformação do modelo externo, surge a autenticidade reveladora. Exemplo disso é a formação da *Belle Époque* tropical, período que faz referência às transformações culturais ocorridas no início do século XX, as quais fomentaram o desenvolvimento nacional, e que coincidiram com a derrocada da monarquia, e em consequência disso, fizeram surgir novas formas de governo como a instauração da primeira República. Nesse contexto, ampliaram-se as trocas comerciais, a progressão do parque industrial interno e o consumo de bens externos, o qual auxiliava inclusive na dinâmica cultural nacional.

Nicolau Sevcenko (1989) afirma que transformações radicais ocorreram no cenário nacional entre 1900 a 1920, tornando o Brasil, sobretudo a capital federal, um catalizador cultural e de consumo. Assim, o Rio de Janeiro espalhava as tendências vindas sobretudo da Europa, incorporando a seu modo modificações de caráter urbano e paisagístico, buscando reiterar o pressuposto cosmopolita e civilizado. Estava sendo formada a *Belle Époque* brasileira símile da parisiense e, em meio aos cafés e as confeitarias, disseminava-se um glamour arquitetônico, trajes europeus que logo se contrastariam com o calor nacional, com a periferia urbana e até mesmo no uso de sapatos e paletós, como vemos em: “houve a criação de uma lei de obrigatoriedade do uso do paletó, para todas as pessoas sem distinção. O objetivo do regulamento era, pôr em termo a vergonha e a imundície injustificáveis dos mangas-de-camisas e descalços nas ruas da cidade” (SEVCENKO, 1989, p. 33).

A literatura nacional assimila esse processo histórico com propriedade e autonomia, sendo crítica a essa cosmetização. O resultado é ímpar: a representação de um país cuja modernização é conservadora, que mantém intocadas as relações sociais. Ou seja, o país se desenvolve, mas permanecem as contradições como a falta de acesso das classes mais pobres às inovações. Essa temática circunscreve às *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1917) em uma mediação entre a configuração da memória individual da personagem e da memória coletiva relatada em documentos históricos que discorrem sobre o Rio de Janeiro da primeira década do século XX:

Que casaco! Que sapatos! Naturalmente que hão de procurar coberturas para o frio, mas onde vão busca-las? Ao lixo e é um disparate! Se queres uma multidão catita, arranja meios de serem todos remediados. Vocês querem fazer disto um Paris em que se chegue sem gastar a importância da passagem ao mesmo tempo ganhando dinheiro, e esquecem de que o deserto cerca a cidade não há lavoura, não há trabalho enfim... (BARRETO, 2010, p. 170).

Ao relatar seus sentimentos sobre a lei que tornava o uso dos sapatos e dos paletós obrigatório, Isaías Caminha faz um relato da sociedade da época, inclusive menciona o decreto que tornava o uso do adereço obrigatório nas ruas cariocas, mas coloca nele suas impressões, o modo como se sente e como reage aos acontecimentos, mesclando assim os conceitos de memória individual e memória coletiva. Interessante é que, nessa relação, a memória individual produz uma reflexão sobre a construção da memória coletiva, o que acaba por relativizar o valor do desenvolvimento e da modernização dessa sociedade, sendo que o responsável por essa denúncia se encontra à margem.

As asserções de Jacques Le Goff (1985), que abordam a relação entre Documento e Monumento, transitando diretamente entre as definições de memória coletiva e memória individual, podem ajudar a compreender como a Literatura, ao produzir textos individuais, acaba por superar os registros historiográficos na medida em que nela a combinação entre o coletivo e o autoral se mescla dialeticamente. Nesse sentido, Le Goff retrata a importância da representação da memória coletiva, enfatizando que, sem ela, não seria possível uma associação representativa da memória individual. Livros de História, por exemplo, *Compêndio de História do Brasil*, de José Borges, costumam registrar o período de colonização como uma tentativa de representar o coletivo da formação do Brasil, mas, nisso, acabam apagando a memória indígena, submetendo-a à documentação oficial. Assim, fica evidente que toda memória oficial é um apagamento das individualidades, sobretudo daquelas que circulam à margem. A literatura, por sua vez, se diferencia da história, visto que, no âmbito literário, há deformações no processo de representação dos acontecimentos. Esse processo de *mimese* faz com que as contradições sejam evidenciadas, tornando o processo mais autêntico e verossímil. Para que fique mais claro, a literatura é capaz, através da forma estética, de representar a dinâmica da vida social e todas as suas

contradições, aspecto que muitas vezes não é revelado nos documentos historiográficos.

Recordações do escrivão Isaías Caminha consegue refletir algumas das características da cultura nacional, pontuando especificamente acontecimentos da *Belle Époque* brasileira através das impressões do protagonista:

Parava diante de uma e de outra, fascinado por aquelas coisas frágeis e caras. As botinas, os chapéus petulantes, o linho das roupas brancas, as gravatas ligeiras pareciam dizer-me: Veste-me, ó idiota! Nós somos a civilização, a honestidade, a consideração, a beleza e o saber. Sem nós não há nada disso; nós somos, além de tudo, a majestade e o domínio! (BARRETO, 2010, p. 44)

A associação da civilização com a vestimenta já explicita o seu caráter fetichista. Trata-se de um adereço, um penduricalho, isto é, não se conforma como algo estruturalmente anexado. A impressão fascinada do personagem mostra o quanto distante ele estava do progresso. Dessa forma, o diálogo entre memória coletiva e memória individual também se faz estabelecido, visto que na produção de Lima Barreto esses dois elementos aparecem de forma recorrente: por vezes as recordações de Isaías são só suas lembranças, mas, muitas vezes, suas memórias se tornam também parte importante do relato de um Brasil da época, confirmando a associação de ambas. Ainda nesse contexto, ao avaliarmos a obra como uma denúncia das contradições sociais e ao associarmos à nossa sociedade atual, trabalhamos também o conceito de imagem dialética explorado por Jeanne Marie Gagnebin (2004) e Georges Didi-Huberman (2010). Para eles, o passado não representa apenas uma lembrança, mas sim um questionamento do presente através do passado, despertando a vontade de mudar aquilo que não precisa mais ser o mesmo. Nesse sentido, as imagens literárias são dialéticas, no sentido de unir os contrários, sendo sempre questionadoras na medida em que proporcionam o reavivamento do passado sempre em nova perspectiva.

A forma contraditória das memórias: sátira e linguagem

Nas muitas definições e visões que conceituam a sátira, João Adolfo Hansen define, entre outras formas, a sátira de Gregório de Matos como elemento capaz de ridicularizar algo ou alguém por meio do exagero com relação àquilo que é

supostamente fictício, mas que, exatamente, pela presença da hipérbole, passa a ser compreendido como real:

Lembre-se que a hipervalorização seiscentista da elocução propõe o discurso como metáfora pictórica; por isso, o artifício é um lugar-comum de ficção nas precativas e nos poemas, prescrevendo e efetuando a contrafação do natural como efeito inclusive 'hiper-realista', que oblitera a ficção por excesso dela (HANSEN, 1989, p. 294).

Embora essa definição tenha sido elaborada no século XVIII, é possível aproximá-la do século XX de modo a apontar na obra de Lima Barreto alguns pontos em que a sátira aparece como forma de denúncia social, próxima à perspectiva adotada por Gregório de Matos. Entretanto, ao contrário do Boca do Inferno, a sátira barretiana passa muitas vezes despercebida, mas ainda assim existe. Isaías Caminha, em suas recordações, representa muitos dos comportamentos que podiam ser encontrados em nossa sociedade na época. Ao descrever os títulos e prestígios de um médico, o faz de modo a congrega a sublimidade, a hipérbole na adjetivação o que conduz para um tom de escárnio. Nesse sentido, há um tom jocoso em que o travejamento irônico trabalha em função da sátira:

Ah! Doutor! Doutor!...Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários polifórmicos...Era um pallium, era alguma coisa como clâmide sagrada, tecida com um fio tênue e quase imponderável, mas a cujo encontro os elementos, os maus olhares, os exorcismos se quebravam. De posse dela, as gotas da chuva afastar-se-iam transidas do meu corpo, não se animariam a tocar-me nas roupas, no calçado sequer. O invisível distribuidor de raios solares escolheria os mais meigos para me aquecer, e gastaria os fortes, os inexoráveis, com o comum dos homens que não é doutor. Oh! Ser formado, de anel no dedo, sobrecasaca e cartola inflado e grosso, como um sapo-entanha antes de ferir a martelada à beira do brejo; andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas salas, recebendo cumprimentos: Doutor, como passou? Como está, doutor? Era sobre-humano! (BARRETO, 2010, p. 22)

A construção da figura do médico se faz através do louvor "Ah! Doutor! Doutor!" e do engrandecimento do título "era um pallium, era coisa como clâmide sagrada", mas junto a essa descrição solene há também o baixo, o chiste "Oh! Ser formado, de anel no dedo, sobrecasaca e cartola inflado e grosso, como um sapo-entanha". O uso

da expressão “sobre-humano” já revela a intenção em desfazer a interpretação, uma espécie de ironia produzida de forma a enfatizar a crítica satírica. Com elementos que vulgarizam a figura de um médico da época, Isaías procura ridicularizar, escarnecer, não só essa classe, mas a sociedade, que cultua esse exagero, como um todo, provocando o riso simultâneo a uma crítica aos relatos da cultura daquele tempo.

Ainda pelos olhos de Hansen, a sátira gregoriana é também utilizada como forma de dramatização das várias faces de algo ou alguém, por meio da ironia. Através da junção de diversos sinônimos que definem um termo, o efeito cômico é causado, advindo da desarmonia dessa reunião de palavras:

A sátira costuma jogar, aliás, com o procedimento de dramatizar a mesma divisão de um conceito, figurando-o de modo diverso e sinônimo em cada nova divisão com efeito irônico. Embora o discurso figurado ‘ande’, como encadeamento sequencial, não avança o tema reiterado nos sinônimos, que o acumulam. O descompasso é cômico, porque produz desarmonia por meio da acumulação apta para caracterizar tipos viciosos que, por definição, são desarmônicos e cômicos. (HANSEN, 1989, p. 317)

Essa configuração ajuda a iluminar a análise satírica da obra de Lima Barreto na medida em que percebemos o protagonista Isaías em um estado de revolta ao tomar conhecimento da situação favorável de um deputado que partira para São Paulo para estudar a cultura do café um dia depois de mandar que ele o visitasse. Uma vez em contato com essa notícia, Isaías atinge um estado de consciência, e parece perceber o absurdo no qual a sociedade em que vive é constituída:

Num dado momento, na segunda página, dei com esta notícia: ‘Parte hoje para São Paulo, onde vai estudar a cultura do café, o doutor H, de Castro Pedreira, deputado federal. Sua Excelência demorar-se-á... Patife! Patife! A minha indignação veio encontrar os palestradores no máximo de entusiasmo. O meu ódio, brotando naquele meio de satisfação, ganhou mais força [...] Gente miserável que dá sanção aos deputados, que os respeita e prestigia! Porque não lhes examinam as ações, o que fazem e para que servem? Se o fizessem... Ah! Se o fizessem! Que surpresa! Riem-se, enquanto do suor, da resignação de vocês, das privações de todos tiram ócios de nababo e uma vida de sultão... (BARRETO, 2010, p. 58)

Isaías, uma vez que descobre a verdade sobre o político, usa do acúmulo de inúmeros termos ofensivos para ilustrar a situação de indignação. Ao fazer uso dessa

técnica, que inclui o uso de adjetivações descompassadas, confere riso e humor, sobretudo ao mostrar as diversas faces do deputado, fazendo com que a sua figura se transforme em uma caricatura, transitando entre o real e o irreal, por meio do exagero.

Também pelo riso, a obra de Lima Barreto estabelece relação com as *Questões de Literatura e Estética*, de Mikhail Bakhtin. Para o filósofo, a linguagem é uma forma concreta de materializar suas convicções e assim expressar uma crítica quanto à sociedade em que vivemos e um elemento próprio dessa crítica social e da construção dos elementos satíricos é o riso, capaz de revelar ao indivíduo uma realidade a qual ele desconhecia:

Riso e lágrima reunidos é o princípio do drama moderno e, sobretudo, é a representação da expressão da natureza contraditória do homem na modernidade. No caso, a sátira pode revelar o comportamento alienado de homens socialmente considerados normais. (BAKHTIN, 2010, p. 110)

Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, podemos notar exemplificações da teoria bakhtiniana, quando Laje da Silva enfrenta uma situação que explicita a crítica pelo riso, trazendo a concepção de Bakhtin para o que ele chamava de drama moderno:

Laje não lhe conhecia as obras, nem mesmo os artigos e ficou satisfeito que um outro conhecido seu viesse sentar-se sem cerimônia alguma à nossa mesa, obrigando-me a não lhe fazer mais perguntas sobre o *Pithecanthropus* literato. Era o Oliveira – não me conhece? O Oliveira, do O Globo!... tão conhecido!... Oh! (BARRETO, 2010, p. 33)

O riso no excerto revela a necessidade do “tão conhecido” jornalista ainda precisar reafirmar sua identidade e é assim também que Lima Barreto dá vida à crítica social que evidencia a necessidade geral de se autoafirmar, mesmo quando se tem seu sucesso reconhecido, principalmente pela classe jornalística da época. Interessante notar é que essa sátira aliada ao elemento irônico se depreende muito do comportamento social novecentista em que a aparência e a verborragia precedem a essência do trabalho a demonstrar como a cordialidade é o elemento chave para o sucesso da profissão. Nesse sentido, enfatiza-se como a figura do jornalista se

constrói pelo processo caricatural, fato que reitera o aspecto satírico do texto, demonstrando assim o exagero e o aspecto humorístico.

É inegável que a configuração da sátira nas *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, através da hipérbole na mescla de estilos – cômico e sério, rebaixado e sublime – acaba por desempenhar uma fatura hiper-realista, a qual consegue representar o real pela sua distorção ou pela ilusão criada. Lima Barreto consegue revelar, através da forma do texto, como o progresso nacional, a urbanização e a *Belle Époque* no Brasil representam uma apropriação distorcida daquilo que se tinha como projeto na Europa, nas avenidas de Haussmann e bulevares, como descreve Pesavento (1999).

Por fim, a linguagem da narrativa é um dos aspectos estéticos que esboça ainda a sua tendência conservadora e progressista, já que, embora coloque como objeto de representação “as mazelas físicas, sociais e mentais do Brasil oligárquico da I República, que se arrastavam por detrás de uma fachada acadêmica e parnasiana” (BOSI, 1969, p. 67), o faz de modo decorativo, ornamental, o que implica em um comprometimento da verossimilhança. De toda forma, essa linguagem nos permite evidenciar como o olhar para as questões nacionais ainda se fazia com o parâmetro das tendências arcaicas, caracterizando a ânsia crítica e de renovação como difusa:

o gosto pela ornamentação pode ora estar a reboque de um costumismo de superfície voltado para a celebração das elegâncias e vícios mundanos do Rio afrancesado do começo do século, ora buscar veicular uma metafísica ou teoria de conciliação entre barbárie e civilização (PAES, 1992, p.21).

Desse modo, Lima Barreto demonstra uma tentativa de popularização da linguagem, no intuito de torná-la mais oralizada. Sua investida, no entanto, é falha e acaba por evidenciar um conservadorismo enraizado, que busca na Europa um modelo de linguagem de sucesso:

o seu olhar fixo, atrás de fortes lentes, a testa baixa e fugidia quase me fizeram duvidar que fosse aquele o Veiga Filho, o grande romancista de luxuoso vocabulário, o fecundo *conteur*, o enfático escritor a quem eu me tinha habituado a admirar desde os catorze anos... Era aquele o homem extraordinário que a gente tinha que ler com um dicionário na mão? (BARRETO, 2010, p. 111).

No exemplo acima é possível notar como o protagonista Isaías, no momento em que encontra seu escritor favorito, duvida que o homem ali parado em sua frente é o ídolo que ele costumava ler desde o início da adolescência. Com palavras rebuscadas e referências no francês, Veiga Filho era um homem com uma escrita que o próprio personagem define como difícil de compreender. E é exatamente essa característica a responsável por sua fama de grande autor. Em aparência, no entanto, Veiga Filho é um homem ordinário como todos os outros e ao descrevê-lo assim, Lima Barreto revela uma contradição presente no Rio de Janeiro após o período da *Belle Époque*: um rebuscamento que é contradito pela pobreza dos conteúdos.

Na obra *Canaã e o Ideário Modernista*, José Paulo Paes busca discutir, além da obra de Graça Aranha, outras produções do início do século XX, evidenciando como o momento da *Belle Époque*, que precede o modernismo, demarca um período de transição. Assim, faz menção a Jeffrey D. Needell, com uma citação que ilustra bem todo o processo de tentativas de europeização do Brasil, revelando a necessidade de progresso pelas vias do atraso: “Um corpo brasileiro com uma máscara francesa.” (NEEDELL *apud* PAES, 1992, p. 44).

É também, por meio dessa citação, que José Paulo Paes inicia sua crítica à idealização da modernidade brasileira, argumentando que um otimismo utópico e um pessimismo crítico se opõe a todo momento, apesar de ser possível estabelecer uma conexão entre ambos, ao passo que os dois apresentam lados agressivos. Nesse aspecto, o crítico deixa evidente a dificuldade de conformação entre o Brasil do futuro e o Brasil passadista, resultando em um conflito permanente a conduzir a entrada dessa nação no mundo moderno. Paes assim como Needell revelam como as contradições históricas no momento do início do século XX acabam por ser representadas esteticamente e criticamente evidenciam um país cindido.

Consolidando esse raciocínio empreendido, a obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* aborda diretamente o assunto da linguagem como um drama do escritor brasileiro, cujos olhos se voltam à Europa ao mesmo tempo em que se preocupam com a representação nacional, denunciando as mazelas sociais e o jeito do brasileiro. Assim, a linguagem destaca esse drama entre sermos nós mesmos e sermos outro:

Na redação, era conhecido e respeitado como entendido em literatura e coisas internacionais. Ele e o Lobo, o consultor gramatical, eram os

dois mais altos ápices da intelectualidade do *O Globo*. Eram os intelectuais, os desinteressados, ficavam fora da ação ordinária daquele exército. Nunca se metiam nas polêmicas, não procuravam escândalos, não escreviam alusões. Eram os estandartes; as águias... Gregoróvitch era a artilharia. Com o seu estilo desconjuntado e a sua violência injuriosa, abria brecha nas linhas adversárias e dizimava-as de longe. Estrangeiro, nada sabendo da nossa história, nem pelo estudo nem a sentindo pelo sangue, a sua crítica e o seu ataque tinham uma violência desmedida. Não poupava, não desculpava, não sentia até que ponto o homem era culpado, até que ponto a marcha das coisas fazia o homem culpado. Ligeiramente enfrornado nas causas da política do momento, ele só via diante de si um aspecto do fato, não sentia inconscientemente os outros que se ligavam com o passado que ele não conhecia, nem os outros que o futuro pressentido condicionava. Um brasileiro, educado e criado no meio das tradições, dos usos, dos hábitos, das qualidades, dos defeitos do seu meio, não teria a violência de sua linguagem, a sua força de crítica, a brutalidade de seu ataque. (BARRETO, 2010, p.105)

Lima Barreto, de forma sutil, evidencia aqui a dualidade no olhar do escritor brasileiro. Perceba que Gregoróvitch, que não conhecia bem a realidade brasileira, baseava suas críticas na Europa, e queria trazer ao Brasil o modelo de sociedade europeizada sem considerar o que diferenciava nosso país dos demais lugares, ignorando as peculiaridades que não permitiam que ambos fossem iguais. Isaías, por sua vez, ao discorrer sobre as opiniões do amigo, acrescenta sua visão de que um brasileiro, exposto às condições de criação e a uma realidade totalmente diferente da do colega, se colocado na mesma posição que Gregoróvitch, repensaria suas críticas e expressaria maior preocupação com as denúncias das adversidades brasileiras do que com a implementação da cultura europeia em nossa nação.

Essa questão representada na obra é muito debatida por Flora Sussekind, que explica como a formação do ofício do escritor no começo do século passado sofria de uma condição ambígua, isto é, uma relação entre perpetuar-se escritor no seu país sob o signo do estrangeiro, daquela ótica de fora. Existia todo um esforço para o desenvolvimento no sentido de tornar o texto técnico contrastando imagens, fato que até enforma os autores do período. Assim, “o tipo de trabalho que se oferecia aos literatos era cada vez menos literário” (SUSSEKIND, 1987, p.75). Notícias e colunas vão substituindo os folhetins e o escritor fica à mercê de uma série de novidades que precisa incorporar aliançando à demanda de seu convívio.

Interessante, nesse aspecto, é compreender a formação da República das Letras que caminhava sob a égide do progresso na consideração da profissão e do jornalismo, mas carregava o atraso na medida em que a profissionalização se dava através do viés da cordialidade e do favor, fato que comprometia a postura do intelectual engajado, que precisava vender-se aos modismos, inclusive europeus, para sobreviver em território local, se assim quisesse ser reconhecido:

O chique era mesmo ignorar o Brasil delirar por Paris (...) As Viagens se multiplicavam, o câmbio favorável e as companhias de navegação proporcionando facilidades aos escritores e jornalistas, os jornais, por sua vez, muito interessados em terem correspondentes na Europa. (BROCA, 1956, p.93)

Recordações do escrivão Isaías Caminha representa o drama de qualquer escritor do período, inclusive Lima Barreto, na medida em que insere na literatura temas novos e alterações causadas pela *Belle Époque*, mas mantém um conservadorismo na linguagem, um vezo estético arcaizante, expondo claramente um movimento transitório denominado Pré-Modernista, por Tristão Athayde, e retomado por Alfredo Bosi, que assim o conceitua:

De modo geral, os gêneros literários (lírica, ficção, crítica etc.) no Pré-Modernismo indicam o prosseguimento e a estilização dos já cultivados pelos escritores realistas, naturalistas e parnasianos. Entretanto, ao elemento conservador importa acrescentar o renovador, aquele que justifica o segundo critério, com que definimos o termo Pré-Modernismo. Um Euclides, um Graça Aranha, um Monteiro Lobato, um Lima Barreto injetam algo novo na literatura nacional, na medida em que se interessam pelo que já se convencionou chamar “realidade brasileira”. (BOSI, 1969, p. 12)

Isto posto, pode-se dizer que a obra de Lima Barreto, ainda que apresente um ornamento de linguagem, consegue, através do contraste com a denúncia sobre o *modus vivendi* do escritor e do jornalista brasileiro, representar a ânsia progressista nacional perpetuada por vezos conservadores. Seja na linguagem contrastante, seja na exposição do sublime e do rebaixamento na sátira também presente na narrativa a contradição fica evidente deixando claro seu potencial crítico. Não podemos ainda deixar de lembrar que nessa obra a memória tem valor especial, pois ela é capaz de reunir o contraste entre as recordações íntimas do personagem e a memória nacional em construção, evidenciando seus momentos de encontro e de separação.

Há momentos em que a narrativa *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* pontua uma crise iminente no jornal, causada por um desejo repentino de Loberant por mudar a temática abordada nas notícias, anseio esse que marca a necessidade de uma renovação estética. Entretanto, a linguagem e a configuração da narrativa enunciam como esse processo se caracterizava somente como parte de um projeto de cosmetização das questões sociais nacionais, semelhança radical entre a obra e o processo modernizador da *Belle Époque* nacional:

Mas não contente com esses expedientes todos, um dia o doutor Loberant, supondo a popularidade do rival devida à falta de gramática nos artigos, chegou à redação furioso e, com o seu modo habitual, berrou:

— Não quero mais gramática, nem literatura aqui!... Nada! Nada! De lado essas porcarias todas... Coisa para o povo, é que eu quero!

O Lobo, que estava na sala, teve em começo um grande olhar de tristeza com que envolveu toda a sala e a coleção de jornais dependurados pelas paredes. Depois de um momento de hesitação, tomou coragem e observou:

— Mas, doutor...

Ora, Lobo! já vem você...

— Mas, doutor, a língua é uma coisa sagrada. O culto da língua é um pouco o culto da pátria. Então o senhor quer que o seu jornal contribua para corrupção deste lindo idioma de Barros e Vieira.

— Qual Barros, qual Vieira Isto é brasileiro — coisa muito diversa!

— Brasileiro, doutor! falou mansamente o gramático. Isto que se fala aqui não é língua, não é nada: é um vazadouro de imundícies. Se Frei Luís de Sousa ressuscitasse, não reconheceria a sua bela língua nesse amálgama, nessa mistura diabólica de galicismos, africanismos, indianismos, anglicismos, cacofonias, cacotecnias, hiatos, colisões... Um inferno! Ah, doutor! Não se esqueça disto: os romanos desapareceram, mas a sua língua ainda é estudada...

(...)

A República soltou de dentro das nossas almas todas uma grande pressão de apetites de luxo, de fêmeas, de brilho social. O nosso império decorativo tinha virtudes de torneira. O encilhamento, com aquelas fortunas de mil e uma noites, deu-nos o gosto pelo esplendor, pelo milhão, pela elegância, e nós atiramo-nos à indústria das indenizações. Depois, esgotado, vieram os arranjos, as gordas negociatas sob todos os disfarces, os desfalques, sobretudo a indústria política, a mais segura e a mais honesta. Sem a grande indústria, sem a grande agricultura, com o grosso comércio nas mãos dos estrangeiros, cada um de nós, sentindo-se solicitado por um ferver de desejos caros e satisfações opulentas, começou a imaginar meios de fazer dinheiro a margem do código e a detestar os detentores do

poder que tinham a feérica vara legal capaz de fornecê-lo a rodo. Daí a receptividade do público por aquela espécie de jornal, com descomposturas diárias, pondo abaixo um grande por dia, abrindo caminho, dando esperanças diárias aos desejosos, aos descontentes, aos aborrecidos. E os outros jornais? Nos outros o suborno era patente; a proteção às negociatas da gente do governo não sofria ataques; não demoliam, conservavam, escoravam os que dominavam. (BARRETO, 2010, p. 126)

Com medo de que seu jornal deixasse de fazer o sucesso que fazia, Loberant decide abandonar as publicações inspiradas na cultura europeia e publicar tópicos informais e bem “abrasileirados”, na intenção de despertar o interesse da população para que seu público alvo alcançasse constante crescimento. Essa decisão, apesar de fundamentada apenas no interesse, é capaz de estabelecer um paralelo com a modernização de fachada, quando a renovação vinha não por uma necessidade consciente da renovação, mas por uma estratégia de venda e de configuração populista, pois assim como Loberant decide publicar “assuntos do povo”, também o faziam os autores do período, inovando em temas que revelavam os problemas sociais e as mazelas do país, mas sob uma forma estética que ainda se vinculava às estéticas passadistas.

Com a *Belle Époque*, as temáticas literárias passam a ser “o embate irreconciliável entre civilização e barbárie quanto como ameno saudosismo de uma época – e, conseqüentemente, de um espaço - ainda não inteiramente tomados pelas transformações modernizadoras” (NEGREIROS, 2019, p. 122). Desse modo, a literatura passa a representar não um espelho do corpo social do país, mas um recurso capaz de expressar críticas às várias faces que ele possui, além de possibilitar um diálogo entre a modernidade e a produção literária da época. Os jornais também são alvos das grandes mudanças e iniciam abordagens de temas como moda e entretenimento, em detrimento cada vez maior dos textos críticos, transformando então a notícia na força do jornal, em seu foco principal. O progresso era então visitado e a imagem austera de uma sociedade em transformação se colocava, seja na ênfase a adaptação aos costumes europeus, seja na especificidade nacional, que se mantinha frente às tendências. Entretanto, não eram apresentadas soluções práticas e significativas de transformação para aqueles cuja renda ou classe não permitia a incorporação aos padrões implantados, revelando assim sua marginalização.

Considerações finais

Este artigo buscou discorrer sobre a obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, a qual é capaz de apresentar a *Belle Époque* criticamente, isto é, revelando-a como um acontecimento implementado no Brasil, inspirado no modelo europeu, visando à modernização social, trazendo costumes e uma linguagem que ignoravam as peculiaridades brasileiras e a heterogeneidade do nosso povo. Em outras palavras: uma modernização de fachada, que visou adaptar parte da população a um modo de vida europeu e marginalizou aqueles cuja posição social e econômica não permitia a adequação.

As consequências da *Belle Époque*, no entanto, não modificavam apenas a estrutura social, a imprensa também sofreu diversas mudanças estruturais. Os jornais passaram abordar cada vez menos conteúdos literários e críticos, focando especialmente nas notícias e visando o lucro cada vez maior. Os problemas socioculturais se tornaram então o cerne dos autores, que utilizavam a imprensa como campo de debate social. Para Lima Barreto, os jornais configuravam inspiração para suas obras literárias e carregavam suas impressões pessoais sobre a administração pública da capital do Brasil na época, o Rio de Janeiro. Na visão do autor, a gestão administrativa carioca era caótica e se atentava em revestir bem o exterior dos bairros mais nobres e centrais, enquanto a população que residia na periferia não tinha seus direitos básicos atendidos. Suas obras, portanto, retratam o caráter do público leitor e da imprensa do início do século XX; em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, essa personalidade é exprimida através do jornal abordado na obra, O Globo. É também através de suas obras que Lima Barreto apresenta algumas inovações parciais nos quesitos estéticos como forma de denúncia e crítica ao português arcaico que ainda predominava nos autores renomados. Sua ironia, sátira e linguagem coloquial foram vistos por um longo período como erros duramente reprovados, como pontua Sussekind (1987). Com o passar do tempo, no entanto, foram reconhecidos como nada mais que uma crítica discreta ao conservadorismo que contradizia a ideia de inovação como um todo, mas que representava não só uma incoerência literária como também social características da época e do período pré-modernista.

Recordações do Escrivão Isaías Caminha, primordialmente, apresenta revolução estética ao exteriorizar os princípios nos quais a criação literária deve ser

pautada e incidir em problemas socioculturais, funcionando como instrumento de denúncia. A temática da solidão dos personagens também é algo que, segundo Osman Lins, só viria a aparecer como pauta literária no romance moderno e contemporâneo (LINS *apud* NEGREIROS, 2019, p. 252). Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, os personagens mantêm apenas relações superficiais entre si e vivem em recorrente vazio existencial, situação, no entanto, que é encoberta pelo tom caricatural em que a história é construída. Podemos dizer então que Isaías é a personificação da angústia humana e que a consciência de seu estado traz à tona também uma consciência do espaço social em que vive e de sua constituição, pois ao perceber sua condição de solidão e, obrigatoriamente, independência, Isaías também acaba por constatar a falta de relações profundas presentes no meio em que vive e uma ideia equivocada de autossuficiência praticada por todos. Não obstante isso, Isaías aceita sua condição e é incapaz de realizar algo que mude seu papel social, representando cada vez mais a constituição de um povo alienado e decidido a não romper seu estado de ilhamento.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- BOSI, Alfredo. *O pré-modernismo*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1969.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1986.
- DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1989.
- LE GOFF, Jaques. *Memória-história*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1985.
- NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima; GENS, Rosa (orgs). *Belle Époque: a cidade e as experiências da modernidade*. Belo Horizonte: Relicário, 2019.
- PAES, José Paulo. *Canaã e o ideário modernista*. São Paulo: EDUSP, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Um novo olhar sobre a cidade: a nova história cultural e as representações do urbano. In: *Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias sobre o urbano Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

Recebido em: 20/05/2020

Aceito em: 31/07/2020